



BOLETIM DE COMÉRCIO
EXTERIOR DA BAHIA
DEZEMBRO 2016

Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Dezembro 2016, 3

Importações, 7

Apêndice A – Dezembro 2016

- Balança comercial – Brasil
- Balança comercial – Bahia
- Exportações brasileiras – principais estados
- Exportações baianas por fator agregado
- Exportações baianas – principais segmentos
- Exportações baianas – principais segmentos
- Exportações baianas – principais produtos
- Exportações baianas – principais países e blocos econômicos
- Importações brasileiras – principais estados
- Importações baianas por categorias de uso
- Importações baianas – principais produtos
- Importações baianas – principais países e blocos econômicos

Apêndice B – Informativo acumulado de janeiro a dezembro de 2016

- Balança comercial – Brasil
- Balança comercial – Bahia
- Balança comercial – Brasil X Bahia – Série histórica – 1980-2016
- Participação da Bahia no comércio exterior brasileiro – 1980-2016
- Exportações brasileiras – por regiões
- Exportações brasileiras – principais estados
- Exportações nordestinas por estado
- Exportações baianas – principais municípios
- Exportações baianas por fator agregado
- Exportações baianas – principais segmentos
- Exportações baianas – principais segmentos
- Exportações baianas – principais produtos
- Exportações baianas – principais países e blocos econômicos
- Importações brasileiras por regiões
- Importações brasileiras – principais estados
- Importações nordestinas por estado
- Importações baianas – principais municípios
- Importações baianas por categorias de uso
- Importações baianas – principais produtos
- Importações baianas – principais países e blocos econômicos



Governo do Estado da Bahia
Rui Costa

Secretaria do Planejamento
João Leão

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
Eliana Boaventura

Diretoria de Indicadores e Estatística
Gustavo Casseb Pessoa

Coordenação de Acompanhamento Conjuntural
Luiz Mário Vieira

Coordenação Editorial
Arthur Souza Cruz Junior

Elaboração Técnica
Arthur Souza Cruz Junior
Marcos Santos de Oliveira Junior

Coordenação de Biblioteca e Documentação Normalização
Eliana Marta Gomes Silva Sousa

Coordenação de Disseminação da Informação
Augusto Cezar Pereira Orrico

Editoria Geral
Coordenação de Produção Editorial
Elisabete Cristina Teixeira Barretto

Editoria de Arte e de Estilo
Editoração
Ludmila Nagamatsu

A redução nos preços dos produtos vendidos ao exterior, a fraca demanda externa e o menor volume físico de embarques (*quantum*) em 11,1%, principalmente de produtos agrícolas, cuja produção foi fortemente afetada pela seca, foram os principais fatores que derrubaram as vendas ao exterior do estado no ano passado. As exportações somaram US\$ 6,78 bilhões, com redução de 14% em relação ao ano anterior, menor volume desde 2006, quando alcançaram US\$ 6,77 bilhões.

As importações, que tiveram redução ainda maior, atingiram US\$ 6,15 bilhões e queda de 25,8% ante 2015. O resultado é reflexo da baixa atividade econômica, queda da demanda, da renda e da produção na indústria, que já recuou 5% no ano.

Por conta da maior queda das importações, a Bahia registrou um superávit de US\$ 625 milhões em sua balança comercial, revertendo o déficit de US\$ 403,7 milhões registrado em 2015, mas com recuo de 20% em sua corrente de comércio (soma de exportações e importações), importante indicador do dinamismo do comércio e da economia doméstica.

Todos os principais segmentos da pauta de exportação do estado registraram quedas em relação ao ano anterior, sobretudo as vendas de produtos básicos que caíram 31,3%, fruto principalmente da redução nos embarques de produtos do agronegócio, que ficaram 25% menores devido à seca que reduziu a produção agrícola do estado em 35% além da queda média de preços no mercado internacional. Só o “complexo soja” (que inclui grão, farelo e óleo), que geralmente lidera o *ranking* das exportações de produtos agrícolas na Bahia, teve receitas 41% menores no ano. Também exibiram queda de receita no ano: o algodão, com recuo de 32%; o café, 38%; e o milho, 78%.

O destaque positivo da pauta em 2016 ficou com o setor automotivo, que fechou o ano com crescimento de 18%, resultado do câmbio mais competitivo e da intensificação dos embarques a clientes tradicionais, como a Argentina, além de outros mercados da América Latina como Colômbia, Chile e Uruguai, o que permitiu escoar parte da produção não absorvida pela demanda doméstica, incrementando os embarques físicos em 33%.

Mesmo com uma redução de 32,7% em suas compras – US\$ 1,5 bilhão –, a China permaneceu como principal mercado para as exportações baianas, com 22,2% de participação. Os principais produtos exportados para o país foram celulose, catodos de cobre e soja em grão. Em seguida surgem os EUA, com crescimento de 15,8% (pneus, químicos, derivados de petróleo) e 13,8% de participação, e a Argentina, com incremento de 2,8% (automóveis, fios de cobre e derivados de cacau) e 11,3% de participação.

A fraca atividade doméstica, associada ao câmbio, contribuiu para a expressiva queda das importações em 2016, que chegou a 25,8%. As reduções ocorreram de forma disseminada em todas as categorias de uso, encabeçada pelos combustíveis, com redução de 31,4%, e pelos bens intermediários, que ficaram 24,7% menores em relação a igual período de 2015, reflexo da baixa taxa de crescimento da economia e da queda na produção industrial.

O único fato positivo em relação ao desempenho das importações foi a crescente melhora das compras de bens de capital (máquinas e equipamentos), que apresentaram em dezembro crescimento pelo oitavo mês consecutivo, indicando que a crise não arrefeceu investimentos privados no estado, principalmente na área de energia eólica e infraestrutura. A categoria teve crescimento de 41,5% no mês, embora, no acumulado do ano tenha ficado 5,4% inferior a 2015.

A queda nas importações baianas também ocorreu via redução de preços, que declinaram em média 16,8% comparadas ao ano anterior, principalmente de nafta para a petroquímica, minério de cobre, gás, trigo, grafita e borracha, evidenciando recuo generalizado dos preços das *commodities* devido à fraca atividade econômica global. O volume desembarcado também registrou redução de 10,9% no período, resultado da queda da demanda interna.

A Argentina, fornecedora de automóveis, trigo, malte e insumos químicos, apesar da queda de 24,6% nas compras baianas no ano, liderou a lista de maiores fornecedores para a Bahia, com 11,6% de participação,

seguida pela Argélia (nafta), com 11,2%, e pela China (células solares, máquinas e equipamentos e bens de consumo), com 10,4% de participação.

Tabela 1 – Balança comercial Bahia – Jan.-dez. 2015/2016

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2015	2016	Var. %
Exportações	7.883.181	6.776.509	-14,04
Importações	8.286.872	6.151.450	-25,77
Saldo	-403.691	625.059	-
Corrente de comércio	16.170.053	12.927.959	-20,05

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 5/12/2016.

Elaboração: SEI.

Obs.: Importações efetivas, dados preliminares.

A presunção de crescimento econômico é sem dúvida a faceta mais importante do mundo moderno. Levando isso em consideração, o Banco Mundial prevê uma aceleração moderada no crescimento da economia global, para 2,7% em 2017. O percentual está um pouco acima do estimado para 2016, que foi de 2,3%.

A melhora, apesar das incertezas da economia global, tem a ver com as mudanças nos preços dos ativos desde a eleição de Donald Trump para a Presidência dos EUA, indicando que os investidores esperam crescimento da economia americana e, também, uma alta da inflação em resposta ao impulso prometido em gastos de infraestrutura e com cortes de v. A estimativa é que a economia americana cresça 2,2% em 2017, após um ano considerado fraco, com crescimento previsto de 1,6% em 2016.

As perspectivas para os mercados emergentes e economias em desenvolvimento são menos favoráveis. Os investimentos devem manter o ritmo lento, reflexo, em parte, de uma correção dos altos níveis registrados antes da crise de 2008, como também da existência de obstáculos ao crescimento nessas economias, que são responsáveis por um terço do PIB global.

Entre os desafios desses países (Brasil incluso) estão os baixos preços das *commodities*, a redução do investimento estrangeiro direto, além de problemas de dívida privada e riscos políticos. O Banco Mundial prevê que os países emergentes exportadores de matérias-primas deverão crescer 2,3%, bem acima do ritmo fraco estimado para 2016, de só 0,3%. A razão para a melhora está na expectativa de recuperação dos preços das *commodities*, que mesmo em baixa, terão alguma melhora esse ano.

Os países emergentes importadores de matérias-primas devem crescer 5,6% neste ano. Segundo o Banco Mundial, a China deverá manter a desaceleração ordenada do crescimento, ao redor de 6,5%. Mas, as perspectivas globais dos emergentes são enfraquecidas pelo comércio internacional tépido, o investimento modesto e o crescimento fraco da produtividade.

Embora algumas importantes ameaças à economia global ainda não tenham se materializado, como uma eventual recessão provocada pela decisão britânica de sair da União Europeia ou um colapso no crescimento chinês, o cenário global deve permanecer com um crescimento modesto, frágil e, certamente, não alimentado pelo comércio, o que influencia diretamente as exportações do país.

É certo que o Brasil e outros países emergentes enfrentarão um cenário global marcado por maior incerteza em 2017. As políticas de Donald Trump, tudo indica, levarão a juros mais altos e a um dólar ainda mais forte nos EUA. Embora não se aposte em explosão das taxas americanas ou num fortalecimento exagerado da moeda, é um quadro que embute riscos para o Brasil, que nem sequer iniciou a recuperação cíclica, quase três anos depois do começo da segunda pior recessão da sua história.

A expressão “*commodities* em queda”, tão usada por diferentes *players* do comércio global para justificar resultados adversos entre 2013 e 2015, vem perdendo força. Oito das quatorze principais *commodities* agrícolas e minerais negociadas pela Bahia no exterior encerraram 2016 com preços internacionais em patamares superiores aos do ano passado, sob a influência de fatores ligados a fundamentos de oferta e demanda que, ao que tudo indica, ainda permanecerão no radar em 2017.

Mesmo assim, na média do ano, os preços fecharam o ano com queda de 3,3% comparado à média de 2015. Já o *quantum* exportado, ficou 11,1% inferior ao ano anterior, o que constituiu fator determinante para a queda de 14% nas receitas de exportação do estado em 2016. As maiores quedas foram a dos minerais metálicos (níquel, cromita, com -35,6%), seguida por couros e peles (-32,6%), cobre (-21,6%), petróleo e derivados (-16,6%) e celulose (-14,6%).

Ao final de 2016, a atividade exportadora chega com um nível de custos altos, mas estáveis, preços deprimidos, mas em recuperação, além de câmbio desvalorizado. No início de 2016, a forte desvalorização

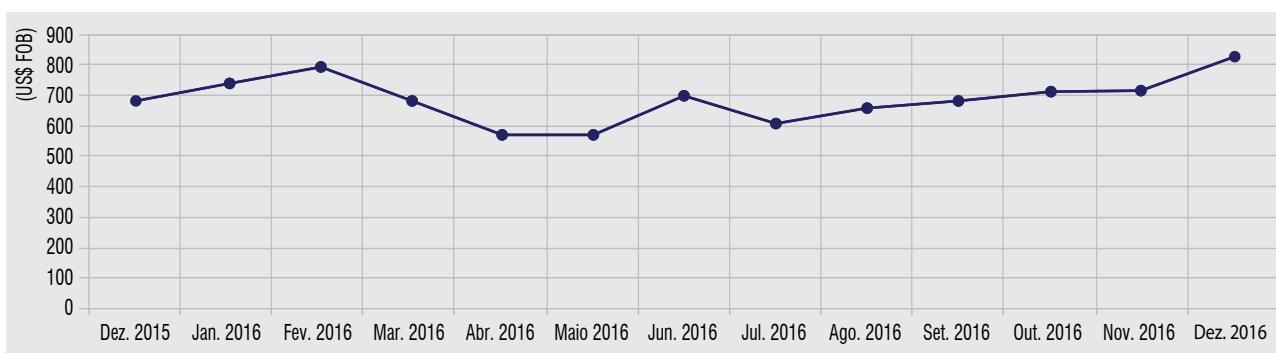


Gráfico 1 – Evolução dos preços médios de exportação – Bahia – Dez. 2015-dez. 2016

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 12/12/2016.

Elaboração: SEI.

Obs.: Valores de outubro excluído valores da plataforma de petróleo.

cambial compensava a queda dos preços, mas com a volta da valorização do real, a rentabilidade das exportações passou a regredir.

O novo cenário do câmbio para 2017 introduz um ponto de interrogação tanto no desempenho das exportações, motor dos primeiros sinais de recuperação da indústria, quanto no ímpeto das empresas em investir uma quantidade razoável de recursos em estruturas de exportação e desenvolvimento de mercados internacionais. Ainda que o número de exportadores ativos - que realizam operações de comércio exterior todo mês - venha se mantendo acima de 10 mil empresas, parte delas, principalmente as menores, pode perder viabilidade em mercados internacionais com a moeda americana agora na casa de R\$ 3,20.

Em 2016, as exportações do setor químico/petroquímico retornaram à liderança da pauta, com vendas de US\$ 1,153 bilhão e 7,7% inferiores a 2015, porém com aumento de 6,2% nos embarques físicos. O setor participou com 17% do total das exportações baianas no ano, e teve preços médios 13,1% menores que o ano anterior. Os EUA foi o maior mercado do setor, responsável por 25% do total das compras, seguido por Países Baixos, com 11,6% e Argentina, com 10,9%.

Apesar da boa performance de vendas no ano passado, o atual ciclo de alta experimentado pela indústria petroquímica segue ameaçado em 2017, apesar da postergação de alguns projetos integrados, especialmente nos Estados Unidos e na Ásia. Além do mais, é improvável que a importante oferta adicional de poli-propileno e de eteno associado a polietileno previsto

Tabela 2 – Exportações baianas Principais segmentos – Jan.-dez. 2015/2016

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2015	2016			
Químicos e petroquímicos	1.249.255	1.153.366	-7,68	17,02	-13,08
Papel e celulose	1.374.848	1.148.776	-16,44	16,95	-14,58
Metalúrgicos	892.009	833.618	-6,55	12,30	-21,58
Soja e derivados	1.365.671	808.171	-40,82	11,93	-12,07
Petróleo e derivados	392.252	462.593	17,93	6,83	-11,06
Automotivo	545.209	434.599	-20,29	6,41	-16,63
Metais preciosos	268.630	362.300	34,87	5,35	49,22
Cacau e derivados	268.676	289.402	7,71	4,27	13,09
Algodão e seus subprodutos	358.944	243.021	-32,30	3,59	-3,89
Borracha e suas obras	211.455	200.262	-5,29	2,96	-16,24
Frutas e suas preparações	145.179	135.721	-6,52	2,00	5,44
Minerais	150.745	127.579	-15,37	1,88	-35,57
Couros e peles	121.356	104.919	-13,54	1,55	-32,61
Sisal e derivados	120.795	95.939	-20,58	1,42	12,07
Café e especiarias	120.072	94.735	-21,10	1,40	-14,12
Calçados e suas partes	48.799	70.860	45,21	1,05	-3,64
Máquinas, aparelhos e materiais mecânicos e elétricos	59.540	43.215	-27,42	0,64	-30,41
Fumo e derivados	28.009	25.280	-9,75	0,37	8,22
Carne e miudezas de aves	11.550	6.549	-43,30	0,10	2,53
Milho e derivados	18.462	4.010	-78,28	0,06	-3,99
Demais segmentos	131.723	131.595	-0,10	1,94	-14,19
Total	7.883.181	6.776.509	-14,04	100,00	-3,30

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 12/12/2016.

Elaboração: SEI.

para os próximos anos não tenha impacto negativo nas margens da indústria no intervalo.

O setor, entretanto, ainda experimenta um ciclo de alta e vinculou sua potencial reversão ao número de projetos anunciados ou em curso. Essa revisão se deve ao atraso em alguns projetos nos Estados Unidos e aumento do custo do investimento na China, que, combinado a questões de infraestrutura, tirou a atratividade de determinados complexos petroquímicos.

Diante das notícias de postergação de alguns projetos, a expectativa hoje é que o aumento de capacidade seja menos crítico do que se imaginava um ano atrás, o que tem dado fôlego a embarques crescentes, principalmente de polietileno, que liderou as vendas do setor, crescendo 89,4% no ano ante 2015.

O segmento de papel e celulose foi o segundo setor mais importante da pauta no ano passado, com vendas de US\$ 1,149 bilhão e queda de 16,4% nas receitas em relação a 2015. O volume embarcado recuou 2,2%, enquanto que os preços médios declinaram, em média, 14,6% no ano.

Mundialmente reconhecido pelo baixo custo de produção de celulose, o Brasil está prestes a avançar no *ranking* mundial e tornar-se o vice-líder em volume produzido, atrás somente dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo em que consolida a posição de destaque com investimentos em novas fábricas, a indústria brasileira de base florestal aderiu às discussões relativas às metas do Acordo de Paris, importante tratado sobre o clima que prevê o plantio de 12 milhões de hectares de florestas no país até 2030, com custo estimado em R\$ 52 bilhões.

Os produtores do setor, entretanto, esperam um novo ano turbulento para os negócios com a matéria-prima. É praticamente consenso que a sobreoferta de celulose vai pressionar ainda mais as cotações internacionais em 2017 e que as incertezas em relação ao câmbio persistirão, dois fatores determinantes de rentabilidade. Diante disso, a indústria acendeu a luz amarela e se preparou para o ambiente mais ácido, via mercado financeiro e com aumentos de preço.

O principal evento da indústria na primeira metade de 2017, ao menos até o momento, será a chegada ao mercado da celulose de fibra curta produzida na fábrica OKI, da Asia Pulp & Paper (APP), com capacidade instalada para 2,8 milhões de toneladas por ano. No começo do quarto

trimestre, será a vez da Fibria colocar em operação a nova linha de Três Lagoas, com 1,95 milhão de toneladas por ano. O volume adicional chegará a um mercado já marcado por preços pressionados pelo excesso de oferta. Desde o quarto trimestre do ano passado, as cotações da fibra curta caíram cerca de 20%, atingindo um dos patamares mais baixos dos últimos sete anos em termos nominais.

O atraso na entrada em operação da fábrica OKI e a demanda em crescimento abriram uma brecha para recuperação das cotações no quarto trimestre de 2016 e os produtores vão aproveitando o momento para reajustar preços antes que a janela no mercado global de celulose se feche.

O setor metalúrgico, comandado pelo “negócio do cobre”, responsável por 75% das vendas do segmento, teve exportações de US\$ 833,6 milhões no ano passado, 6,5% inferiores a 2015. Os embarques cresceram 19,2%, enquanto que os preços médios recuaram 21,6% em média.

O negócio do cobre sofreu, em 2016, um drástico encolhimento na demanda por produtos no Brasil, com a queda na construção e na produção de máquinas, equipamentos e veículos, além da redução nas cotações internacionais.

A estratégia da Paranapanema de buscar mais clientes no exterior ante a redução da demanda interna mostrou-se favorável mesmo com a queda expressiva das cotações externas. A companhia teve um início de ano difícil, com mercado de cobre mais concorrido no país e problemas pontuais em sua produção. No ano, porém, seus esforços de prospecção de mercado fora do país tornaram-se positivos e a empresa começa 2017 com melhores perspectivas no cenário externo.

O agronegócio perdeu fôlego no ano passado, e nove dos dez principais segmentos de exportação do setor tiveram receitas menores do que em 2015. A participação do setor no total das exportações estaduais caiu de 50,3% para 44,2%, enquanto que as receitas declinaram 24,5% comparadas com as de 2015. No ano passado, as vendas do agronegócio somaram US\$ 2,993 bilhões, enquanto que o volume exportado chegou a 5,748 milhões de toneladas – queda de 22,2%.

O desempenho foi influenciado pela seca, que reduziu a produção agrícola do estado em 2016 e levou o IBGE a manter, em dezembro, a estimativa de retração da safra de grãos na Bahia em relação a 2015. Comparando os dois

anos, os resultados apontaram para uma produção da ordem de 5,9 milhões de toneladas – 35,0% menor que em 2015 –, com redução de 11,1% na área colhida e de 26,9% no rendimento médio das lavouras.

Produção abaixo do previsto para alguns produtos e queda da média de preços no mercado internacional para outros provocaram essa redução das receitas baianas.

A valorização do real e a queda dos preços em dólar da maioria dos principais produtos agrícolas também contribuíram para derrubar a atratividade das exportações do agronegócio, que teve redução em seus preços médios em diversos setores: celulose (-14,6%); soja (-12,1%); algodão (-3,9%); sisal (-14,1%); e milho (-4,0%), dentre os mais importantes.

Um dos poucos setores a apresentar crescimento no agronegócio foi o de derivados de cacau. O incremento nas receitas em 2016 foi de 7,7% sobre o ano anterior, mesmo com os embarques diminuindo 4,7%, resultado do aumento dos preços, em média, em 13,1%.

O aumento das exportações, que ficaram mais competitivas pelo câmbio, e o cenário mais positivo previsto para 2017 são, na verdade, uma perspectiva de saída do fundo do poço, uma vez que as vendas de chocolate neste ano devem ser menores que as de 2015, que somaram 740 mil toneladas, de acordo com dados da Associação Brasileira da Indústria de Chocolates, Cacau, Amendoim, Balas e Derivados (Abicab).

O destaque positivo em 2016 foram as vendas do setor automotivo, que cresceram 18% no ano. A expectativa de retomada do crescimento da economia argentina, em ritmo mais rápido que a brasileira, teve impactos diretos no desempenho das vendas da Ford, que, ancorada no utilitário esportivo que fabrica na Bahia, comandou o crescimento das vendas para o país irmão, responsável por 75% do mercado da montadora. O crescimento também ocorre para outros mercados da América Latina como Chile, Colômbia, Peru e Uruguai, permitindo à montadora escoar parte da produção não absorvida pela demanda doméstica.

O aumento das vendas para os EUA em 15,8% e a recuperação das vendas para a Argentina, que apresentaram crescimento de 2,8% no ano, são os fatores positivos relacionados aos principais destinos para as exportações estaduais em 2016. O incremento das vendas para os EUA se deve ao aumento nos embarques de pneus, derivados de petróleo, derivados de cacau e petroquímicos, enquanto que para a Argentina, respondem pelo crescimento, exclusivamente, as vendas de automóveis. Para os demais mercados, destaque para a América Latina com crescimento de 8,2%, principalmente Chile (automóveis, petroquímicos), Peru (petroquímicos, calçados) e Equador (cobre, papel, químicos). Na Ásia, que lidera as compras como bloco, destaque para o crescimento das vendas para a Coreia do Sul em 41,6% (catodos de cobre, farelo de soja e químicos inorgânicos).

Registrando quase o dobro da queda nas exportações, as compras externas do estado ressentiram-se da fraca atividade doméstica associada ao câmbio, alcançando US\$ 6,151 bilhões, 25,8% inferior a 2015. As quedas ocorreram de forma disseminada em todas as categorias de uso: os bens de consumo, com queda de 50,3%, em resposta à retração do consumo das famílias; combustíveis (-31,4%) e bens intermediários (-24,7%), acompanhando a retração da indústria; e os bens de capital (-5,4%), reagindo à queda do investimento, embora esse último agregado venha revelando crescimento consecutivo nos últimos oito meses, principalmente na área de energia eólica e infraestrutura.

O *quantum* importado retraiu-se 10,9%, enquanto que os preços médios caíram 16,8% em média, evidenciando que a atividade foi prejudicada tanto pela crise interna como também pela queda generalizada dos preços das *commodities* no mundo e a fraca atividade econômica global.

Nos últimos dois anos, as compras externas baianas mostraram quedas expressivas em resposta ao recrudescimento da recessão econômica: apurou-se redução de 25,2% em 2015 em valor e, em 2016, a queda chegou aos 20,8%. Importante qualificar que a queda apurada das importações é explicada pelo recuo da quantidade importada, mas principalmente, pela redução expressiva dos preços. A depreciação cambial também favoreceu a queda das importações, porém, o efeito da atividade doméstica mais fraca, para explicar o *quantum* importado, é muito mais relevante do que a taxa de câmbio.

A reação da economia, mesmo que muito lenta, deve elevar as importações este ano, pondo fim a dois anos de retração. Esse processo deve ser potencializado pela valorização do real e pode contribuir para substituir a produção nacional, revertendo processos de nacionalização iniciados no ano passado. O processo de substituição da produção nacional, nos casos em que ocorreram, deve ser revertido ou suspenso mais rapidamente em cadeias de maior valor agregado, no qual a substituição de importação requer investimento.

As estatísticas também mostraram desaceleração na queda das importações no decorrer do ano. No primeiro semestre de 2016, o valor total importado pelo estado caiu 32,9% em relação a igual período do ano anterior.

No segundo semestre, a queda foi de 16,6%. No ano, a redução acumulou 25,8%. Os dados, em conjunto com a expectativa de uma reação positiva, embora lenta, da economia doméstica, indicam que esse processo de reversão deve se manter e que as importações devem ser retomadas este ano, estimuladas pelo real mais valorizado, que tem sido, por enquanto, o maior incentivo ao aumento dos desembarques.

Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-dez. 2015/2016

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2015	2016	Var. %	Part. %
Bens intermediários	3.229.823	2.431.610	-24,71	39,53
Combustíveis e lubrificantes	2.791.295	1.914.678	-31,41	31,13
Bens de capital	1.407.106	1.330.439	-5,45	21,63
Bens de consumo duráveis	755.001	374.954	-50,34	6,10
Bens de consumo não duráveis	103.646	99.768	-3,74	1,62
Total	8.286.872	6.151.450	-25,77	100,00

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 5/12/2016.

Elaboração: SEI.

OBS.: importações efetivas, dados preliminares.

A Argentina, mesmo com a crise por que passa o Mercosul, conseguiram ocupar a liderança entre os países fornecedores do estado com 11,6% de participação e queda de 24,6% no valor (US\$ 713,7 milhões). Esse desempenho, mesmo inferior ao ano anterior, é reflexo do intenso comércio de *commodities* beneficiadas pelo livre comércio no Mercosul, como malte, trigo, nafta, frutas, mas, principalmente, resultado da estratégia regional das grandes montadoras de automóveis, responsável pelo vigoroso comércio de veículos e autopeças, que representam entre 75% e 80% das compras baianas no mercado argentino.

A Argélia, fornecedora de petróleo e nafta, apesar da queda de 22,2% nas compras baianas, foi o segundo maior fornecedor para a Bahia, com US\$ 691,5 milhões. As importações da Ásia atingiram, em 2016, US\$ 1,013 bilhão, equivalente a 16,5% das compras baianas, e lideram, como bloco, o fornecimento de produtos para o Estado, apesar da redução de 4,1% no período.

A China, entretanto, permanece como o país com o maior intercâmbio comercial com a Bahia no mundo, responsável por um fluxo de US\$ 2,143 bilhões no período, seguido pelos EUA com US\$ 1,559 bilhão e pela Argentina com US\$ 1,477 bilhão.



SECRETARIA DE
PLANEJAMENTO

